O exercício da educação integral por meio do voluntariado

RALPH SCHIBELBEIN¹

KARINE GIORDANI²

Resumo: Este artigo é um relato de experiência sobre um projeto de voluntariado desenvolvido com um grupo de estudantes em uma escola particular de Viamão e sua relação com a educação em direitos humanos e na vivência da espiritualidade. Visando a uma educação integral e conectando diferentes competências, o voluntariado se apresenta como um caminho para a construção de um estudante crítico, protagonista e cidadão, que é capaz de olhar para si mesmo e para o outro, e de transformar a si próprio e a realidade ao seu redor.

Palavras-chave: Voluntariado escolar. Direitos humanos. Espiritualidade.

The exercise of integral education through volunteering

Abstract

This article is an experience report about a volunteering project developed with a group of students in a private school in Viamão and its relation with education in Human Rights and the experience of Spirituality. Aiming at a comprehensive education and connecting different skills, volunteering is presented as a way to build a critical student, protagonist and citizen, who is able to look at himself and the other, and is thus able to transform the himself and the reality around him.

Keywords: School volunteer. Human rights. Spirituality.

El ejercicio de la educación integral a través del voluntariado

Resumen

Este artículo es un relato de experiencia sobre un proyecto de voluntariado desarrollado con un grupo de estudiantes en una escuela particular de Viamão y su relación con la educación en Derechos Humanos y en la vivencia de la Espiritualidad. Con el objetivo de una educación integral y conectando diferentes competencias, el voluntariado se presenta como un camino para la formación de un estudiante crítico, protagonista y ciudadano, que es capaz de mirarse a sí mismo y al otro, siendo capaz de transformar y la realidad a su alrededor.

Palabras clave: Voluntariado escolar. Derechos humanos. Espiritualidad.

Introdução

Questionando-se o papel da escola e da pastoral escolar no processo de educação, apresenta-se como fundamentais o exercício da cidadania e um estudante que consiga dar sentido ao que aprende e esteja preparado para conviver em sociedade. Em tempos de velocidade e quantidade demasiada de informações, faz-se necessária a reflexão sobre qual caminho parece ser mais acertado para a efetivação da formação de jovens mais humanos, protagonistas e conscientes.

O voluntariado surge como um itinerário que possibilita a prática de conceitos e valores aprendidos, mas principalmente se coloca como uma oportunidade de olhar para si mesmo e para o outro a partir da perspectiva do cuidado, do exercício da alteridade e do fortalecimento da cultura da solidariedade. Sendo assim, é uma forma de aplicar e compreender na prática valores éticos aprendidos na sala de aula, colaborando para a formação de estudantes criativos e críticos capazes de questionar estruturas sociais e modificá-las visando ao bem comum.

Educação em direitos humanos

Vive-se em uma sociedade cada vez mais apressada e conectada, na qual muitas vezes a velocidade faz com que não se perceba o caminho que se está tomando e que a conexão seja somente em espaços virtuais. Como estratégia para refletir mais profundamente sobre um dos pilares da educação (aprender a conviver), apresentado no relatório para a UNESCO de Delors (1998), o espaço escolar oportuniza o trabalho com os direitos humanos.

Na busca por uma educação integral na qual o estudante desenvolva não somente as habilidades intelectuais ligadas ao aspecto teórico conceitual, mas também habilidades éticas, políticas, comunicacionais e socioemocionais, a escola necessita (re)pensar na construção de um sujeito capaz de viver em uma sociedade do século XXI, trabalhando essa questão.

Para ir além das competências acadêmicas e dialogar com o que se pensa para essa educação do novo século, os direitos humanos se colocam como tema fundamental. Aprender a ser e aprender a conviver são aspectos básicos para a vida no coletivo e podem ser exercitados a partir do estudo, do debate e da prática dos direitos do cidadão.

É importante que esses temas, além de estudados do ponto de vista histórico, geográfico, filosófico, espiritual e social, sejam praticados e cobrados no ambiente pedagógico. Para tanto, a temática deve estar presente entre os educadores e estudantes e ser conhecido de forma aprofundada.

Partindo da ideia de que os direitos humanos são direitos históricos e, portanto, foram se construindo ao longo da história, deve-se perceber que se faz parte deles e se deve cuidar e zelar para que sejam respeitados. Desde a Antiguidade existiam códigos de leis que privilegiavam os poderosos e excluía escravos e mulheres, passando por avanços, especialmente no tocante a questões de liberdade, com o Iluminismo na Idade Moderna, até alcançar uma maior igualdade e emancipação a partir da luta por direitos políticos, civis e sociais da contemporaneidade, o que é chamado de direitos humanos.

Cabe destacar que eles foram efetivamente consolidados somente após a II Guerra Mundial com a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948. E a partir daí eles são protegidos pela organização já há 70 anos. Como o nome sugere, são 30 artigos que dizem respeito às garantias que qualquer pessoa por ser humana tem direito.

Direitos humanos incluem o direito à vida e à liberdade, à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho e à educação, entre muitos outros. Todos merecem esses direitos, sem discriminação. Segundo a ONU Brasil, os direitos humanos são fundados no respeito pela dignidade e no valor de cada pessoa. São universais, o que quer dizer que são aplicados de forma igual e sem discriminação a todas as pessoas. São inalienáveis, e ninguém pode ser privado deles. Os direitos humanos são indivisíveis, inter-relacionados e interdependentes, já que é insuficiente respeitar alguns direitos humanos e outros não. Na prática, a violação de um direito vai afetar o respeito por muitos outros. Todos os direitos humanos devem, portanto, ser vistos como de igual importância, sendo igualmente essencial respeitar a dignidade e o valor de cada pessoa.

Dessa forma, a educação deve ser pensada como uma prática da liberdade, uma ação humanizadora, uma proposta baseada na troca, na construção comunitária do conhecimento; uma educação crítica, dialogada, que pense o homem na sua relação com ele mesmo, com os outros e com o mundo, estabelecendo uma relação dialógica permanente.

Dialogar é ouvir, mas também é falar. É receber e doar; é trocar. O diálogo é como um empate no qual os dois saem ganhando. O diálogo pode ser a arma mais poderosa para se evitar uma guerra, seja de qual for a sua proporção. Acredita-se que a educação enquanto ferramenta para a socialização requer, essencialmente, esta estratégia: ser dialógica.

Fica a ideia de que o ensino é muito maior que componentes curriculares, disciplinas, matérias, conteúdo, metodologias. É algo que ocorre em processo, que envolve olhar, tocar, falar e escutar, escrever e ler, o eu com o mundo. Educação é encontro, oportunidade, discussão, troca, transformação. É por meio do diálogo e, sobretudo, do exemplo que se aprende. Educação é um conceito muito amplo e complexo para ser entendido e praticado dentro somente de uma sala de aula. A educação é a principal ferramenta para o processo de socialização.

Daí tal importância da educação auxiliar não em uma fabricação violenta de um indivíduo, mas na construção colaborativa de um sujeito autônomo, capaz de interferir na sua sociedade. Um cidadão, alguém que, muito mais que um ator social, torne-se um autor social.

É por meio da educação que se constrói enquanto sujeito e em conjunto enquanto sociedade. É necessário que se pense a respeito de que modelo de sociedade se quer e se a educação praticada é condizente com esse objetivo.

Sendo assim, uma educação baseada nos direitos humanos é uma educação engajada na transformação de um mundo mais justo, igualitário e digno. E por meio desse compromisso devem-se pautar as ações pedagógicas.

Vivência e exercício da espiritualidade

Em uma sociedade extremamente dinâmica e materialista, na qual quase tudo se torna obsoleto, a dimensão do profundo, do que não se vê na superfície, e sim no mais interior da alma humana, tem se perdido. A ideia da espera e do cuidado já não se adequa mais à demanda cotidiana de resultados e metas constantes. O quantitativo se sobrepõe ao qualitativo. Já não se dedica tempo e esforço ao cuidado consigo, que dirá a olhar para o outro. Nesse contexto, torna-se imprescindível uma nova educação que resgate o sentido da espiritualidade enquanto valor humano, fraterno e cidadão.

O atual modelo civilizatório não responde aos importantes questionamentos da vida e sobre ela. É fundamental, portanto, proporcionar espaços educativos em que crianças, adolescentes e jovens possam refletir e buscar suas respostas a essas indagações, bem como se engajar e lutar por seus objetivos, causas de vida, sonhos e utopias. “Trazer à tona questões fundamentais e captar a profundidade do mundo, de si mesmo e de cada coisa constituem o que é chamado de espiritualidade” (BOFF, 2001, p. 16-18).

A vivência e o exercício da espiritualidade apresentam-se, assim, como sentido e inspiração na vida, como esperança e maneira de se enxergar e enxergar o outro por meio de um olhar cuidadoso. De acordo com o documento “Espiritualidade”, da Rede Marista (2013), ela é o que transcende a materialidade, ou seja, está na matéria, mas também para além dela. O conceito da palavra tem sua origem no termo “espírito” (do latim *spiritus*, significando “respiração” ou “sopro”); logo, pode-se entender espiritualidade enquanto sopro de vida, aquilo que faz o indivíduo se sentir parte de um todo que o ultrapassa, mas também o completa. “Espiritualidade é aquela atitude que coloca a vida no centro, que defende e promove a vida contra todos os mecanismos de diminuição, de estancamento e de morte” (BOFF, 1999, p. 130-133). Todo ser é fundamentalmente espiritual, seja ele religioso ou não. Porque este é mais do que pura e simples biologia, é também *spiritus*, já que sempre está em busca de

vida, em que experimenta e exerce sua espiritualidade. Assim, a educação na dimensão espiritual é também uma educação que promove a vida e a cidadania.

No contexto dessa educação na dimensão do profundo, o Serviço de Pastoral Escolar (SPE) tem o dever de proporcionar espaços de vivência dessa espiritualidade pelas crianças, pelos jovens e pelos adolescentes, promovendo o diálogo, o cuidado consigo e com o outro, bem como o exercício de valores éticos por meio da experiência escolar – que extrapola o espaço “sala de aula”.

A palavra “serviço”, do latim *servitium*, significa “ação ou efeito de servir”, “de dar algo de si” ou “exercício e desempenho de qualquer atividade”. Essa compreensão leva a olhar o mundo a partir da perspectiva de outra pessoa, sendo capaz de se pôr no lugar dela, deixando-se tocar por ela, compreendendo-a, embora nem sempre se possa aprovar suas ações (REDE MARISTA, 2018, p. 22-23).

O objeto do Serviço de Pastoral torna-se, portanto, o fenômeno da espiritualidade, que tem em sua primazia a relação com as pessoas, consigo e com o outro, com o mundo que se habita, com a casa comum, sabendo que a espiritualidade, antes de tudo, é um conceito antropológico: uma forma de vida que está diretamente vinculada ao conjunto de práticas que o ser humano exerce diariamente, visando melhorar sua existência e o próprio mundo em que vive; assim, possui uma dimensão profundamente ética (REDE MARISTA, 2018, p. 24-25).

Entendendo a espiritualidade enquanto um conceito ético, o Serviço de Pastoral escolar prima pela formação integral das crianças, dos adolescentes e dos jovens por meio do desenvolvimento das dimensões psicoafetiva, psicossocial, política, espiritual e técnica, tendo como um dos processos pastorais fundamentais o voluntariado escolar.

O voluntariado na Rede Marista tem como objetivo promover a formação e o cultivo de valores, principalmente o fortalecimento da cultura da solidariedade, o desenvolvimento da autonomia, do protagonismo e da espiritualidade, da coletividade, o exercício da cidadania planetária e da responsabilidade social.

Voluntariado escolar: educação em direitos humanos e espiritualidade

Após o encerramento da “Década do Voluntariado”, promovido pela ONU, o Marista Graças lançou o projeto de voluntariado em pleno processo de implantação do Projeto Educativo do Brasil Marista, em 2013.

Surgiu como caminho para estudantes que “queriam algo a mais” no seu Ensino Médio, sendo, segundo define o Programa de Voluntariado Marista (REDE MARISTA, 2016), um “espaço-tempo privilegiado para o pleno desenvolvimento do ser humano em todas as suas dimensões” (formação integral), dimensão central da missão e a visão do Colégio. Além disso, propôs-se a ser um “espaço de construção de projeto de vida, de cuidado consigo mesmo e com os outros, que contempla vocação, missão e solidariedade”.

A ideia do grupo de voluntariado surgiu na pastoral e logo foi incentivada por educadores e estudantes que realizaram os primeiros encontros despretensiosos, em um grupo muito pequeno, mas gigante em vontade e sonhos. Debruçando-se em documentos da escola, pensadores sociais e realidades cotidianas, o projeto foi tomando corpo.

Objetivo geral

Contribuir, de uma forma direta e intencional, para a formação integral dos estudantes, por meio de uma atuação cidadã efetiva, relacionando as práticas do projeto com as quatro macrocompetências do currículo: ético-estética, política, acadêmica e tecnológica.

Objetivos específicos

- Contribuir para a formação integral dos estudantes, por meio do cultivo da solidariedade, da sensibilidade social e da doação ao próximo.
- Favorecer e oportunizar a construção do projeto de vida dos estudantes, pautado nos valores e nas vivências compartilhados pelo grupo.
- Criar condições para o desenvolvimento da autonomia, da organização pessoal e coletiva, da responsabilidade e da liderança.
- Cultivar relações fraternas, por meio do fortalecimento dos vínculos de amizade e do companheirismo entre os voluntários.

Voluntariado na prática

Desde o princípio, tinha-se a preocupação de que o projeto não fosse algo assistencialista e pontual, mas sim processual, envolvendo reflexões, planejamentos, debates e constantes avaliações do que estava sendo realizado.

Nesse contexto, os encontros de formação, planejamento e avaliação tiveram uma maior ênfase no que tange à quantidade de encontros (75%) do que saídas às instituições (25%). Conseguiu-se captar a importância desses encontros no depoimento de uma estudante voluntária.

Antes de entrar no voluntariado, eu tinha o desejo de ajudar ao próximo e de sentir que eu fazia diferença no mundo. Mesmo eu já fazendo isso indiretamente, eu queria fazer algo mais sério, queria me dedicar mais quanto a isso e por isso entrei no voluntariado. Ao entrar, eu pude ter certeza de que esse meu desejo ia ser correspondido e sentia isso principalmente nos encontros de planejamento.

São nesses encontros de planejamento que eu consigo sentir o amor que nós como grupo temos; cada um dando o melhor de si para ajudar o próximo; cada um se organizando e se dedicando para que isso ocorra da melhor forma possível, e colocar no final um sorriso no rosto de alguém. Ah, e quando esse sorriso vem, é totalmente gratificante. Agradeço de coração ao voluntariado, as oportunidades que ele me proporciona de ser um ser humano melhor e de me fazer sentir que eu a faço diferença.

A opção por ter mais encontros de planejamento, formação e avaliação é justamente o que faz do voluntariado um lugar de educação nos direitos humanos e vivência da espiritualidade, porque nesses momentos os estudantes podem partilhar as experiências vividas nas intervenções em diferentes contextos, tornando-se possível a discussão crítica acerca da nova realidade que lhes é apresentada. Possibilita-se, então, a construção criativa de uma intervenção naquele contexto, por meio da alteridade e do cuidado com o outro – sujeito com quem se constrói o processo voluntário. A vivência dessa experiência fica evidente no relato de uma estudante voluntária do primeiro ano de Ensino Médio.

Todas as sextas há voluntariado. Todas as sextas há inclusão. Todas as sextas há um tema diferente pra discutir e solucionar. Todas as sextas há empatia. Algumas sextas têm o olhar pra fora da nossa caixa.... Nessas sextas, a gente tem a troca de saberes, e por isso o aprendizado. Grande parte desse, com o nosso grupo, somos quem mais aprendemos a partir das saídas do voluntariado. É uma sensação de nervosismo misturado com um pouco de amor e ansiedade de fazer o bem. Fazer parte de um grupo como esse é mudar, e saber mudar sem medo, mudar pra entender melhor o outro. Acho que isso pode definir o que a gente quer pro futuro, talvez trabalhar com pessoas, trabalhar para pessoas e mudar pessoas.

Entre algumas atividades planejadas e executadas nas instituições, estão: capacitação das voluntárias nas instituições, rodas de conversa, reforço escolar, recreação, preparação de lanches, reforma de espaços físicos, contação de histórias, teatros, auxílio na formação e no protagonismo de jovens de escolas públicas e particulares da comunidade, participação de conferências e congressos.

Os protagonistas dessas ações são estudantes que desempenham tarefas que buscam interferir positivamente na vida dos outros. Por meio de diferentes formas, com as mais variadas atividades, o que eles guardam em comum é a solidariedade, o desejo de ver um mundo melhor e o ato nobre de fazer tudo isso sem esperar algo em troca. Mas recebem seus pagamentos em sorrisos, histórias, abraços, emoções e gratidão, como é possível conferir no depoimento de outra estudante voluntária do primeiro ano do Ensino Médio:

Voluntariado. Experiências incríveis, momentos reflexivos e visão de mundo diferente. Eu entrei no grupo esse ano, e ele já mudou completamente minha forma de pensar e agir em inúmeras situações. Eu fiz apenas uma saída com o grupo, fomos a uma aldeia indígena que fica no município de Viamão, não sei em números quantas crianças eram, acredito que eram bastante. A felicidade, esse sentimento que nós acreditamos que precisamos de muitas coisas para ter, as crianças não possuíam muitos bens, roupas de verão (era um dia chuvoso), mas esse sentimento era visível no rosto de cada um deles, a alegria, a gratidão e, claro, a felicidade. Empatia é um dos assuntos que mais praticamos no grupo e um dos que mais falta na sociedade de hoje. O ato de pensar não em si mesmo, mas no outro, de me conectar com a emoção no outro e sentir a mesma. Os encontros para planejamento são os que nós, acredito eu, mais nos divertimos esse ano [...] O voluntariado muda não somente o olhar; ele nos transforma em protagonistas, desenvolve a empatia, como citei.

Na concepção de eventos e de projetos que ocorrem no âmbito interno do Colégio, entre os principais se destacam: acolhida em eventos institucionais, oficinas sobre bullying, intervenções no espaço escolar para promover o debate, Semana do Voluntariado, momentos formativos com crianças, Campanha do Agasalho, acolhida dos novos estudantes até a sua total integração nas turmas etc.

A máxima do “ser voluntário” é quando se torna tão parte do indivíduo que a atividade passa a ser involuntária de tão essencial que é. E a partir dessas ações na escola, fora dela e das discussões e encontros formativos, cria-se um espaço para a reflexão do sentido e projeto de vida desse jovem.

O voluntariado foi muito necessário e importante na minha vida esse ano, principalmente por fazermos reflexões que só nos dão mais conhecimento sobre o que acontece em nossa volta ou em como podemos melhorar o que temos. Essas conversas são profundas e descontraídas, abordamos questões que normalmente não temos liberdade de debater em sala de aula. Eu chamaria o Volunts [Voluntariado] de refúgio, porque é um lugar que vou sobrecarregada e saio de lá muito bem, como se a semana ruim valesse a pena só por aquele pequeno momento (Depoimento de estudante voluntário do Ensino Médio).

Ser voluntário é não só acreditar na mudança para um mundo melhor, mas fazer parte dela. Como dizia Ghandi, ser a mudança que se quer ver no mundo. Como mencionado, o voluntariado passa a ser involuntariado depois de se iniciar na atividade, pois é realmente impossível parar a corrente do bem. Utilizando a frase de Raul Seixas, “o ápice do egoísmo é querer ajudar”, ou seja,

na fala dos voluntários sempre se ouve que os maiores beneficiados são eles próprios. Os voluntários saem mais fortes e sensíveis, cuidando deles mesmos e dos outros, transformando-os e mudando o entorno, sem dúvida com um olhar mais humano perante a sociedade.

Considerações finais

Acreditando na educação como ferramenta capaz de transformar o sujeito, o qual, ao perceber-se como parte ativa de uma sociedade, coloca-se como protagonista da mudança, segue-se na defesa de que grupos de voluntariado escolar são um caminho para alcançar esse objetivo. Em diálogo contínuo com as questões pedagógicas e alinhados com os direitos humanos, os estudantes voluntários conseguem sintetizar em reflexões, discursos e ações o que se coloca como missão da escola. Ao dar sentido à formação integral e percebendo a conexão dos aspectos acadêmicos com as questões cidadãs permeadas pelo exercício da espiritualidade, estão sendo construídos sujeitos que efetivam a cidadania que se espera para o século XXI.

Um sujeito crítico, humano, protagonista que não seja somente ator social, mas sim autor de sua própria sociedade. Alguém que, para além de sujeito histórico, perceba-se como autor de sua própria história. E que, por meio de um sentido, cuidando de si e do outro, auxilie na construção de uma sociedade mais humanizada.

O voluntariado é uma oportunidade para experienciar os mais variados aprendizados e práticas escolares, que vão desde os conhecimentos teóricos, passando por competências procedimentais, até aspectos atitudinais. Por meio deles também pode inspirar a escola a exercitar o olhar para dentro e para fora, colocando-se como um espaço de efetiva relação com a comunidade.

Conforme afirma Ralph Schibelbein (2018), fica o convite para procurar algum dos vários grupos existentes ou iniciar/aprofundar ações individuais. O importante é se mexer. Escolha a(s) causa(s) e junte-se a esse time nessa micror-revolução cotidiana (SCHIBEBEIN, 2018).

Deixa-se, por fim, a ideia como uma semente para que cada escola ou grupo de estudantes e educadores reflita sobre o tema e busque se inspirar nessa ação. Não se tem a pretensão de apontar o que foi realizado como o caminho correto; afinal, acredita-se que não há um caminho exato, mas o importante é caminhar. Que tal dar o primeiro passo?

Recebido em: 15/09/2018

Revisado pelo autor em: 25/10/2018

Aceito para publicação em: 23/11/2018

Notas

1 Mestre em Educação. Graduado em História. Pós-graduado em História do Brasil. Graduando em Ciências Sociais. Professor e voluntário. E-mail: rschibelbein@gmail.com

2 Graduanda em Psicologia. Agente de pastoral e voluntária. E-mail: karine.m.giordani@gmail.com

Referências

BOFF, Leonardo. **Ética da vida**. Brasília: Letra Viva, 1999.

_____. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

DELORS, Jacques (Coord.). **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1998.

REDE MARISTA. **Espiritualidade**. Porto Alegre: Rede Marista, 2013. (Cadernos Pastorais, 2). Disponível em: https://issuu.com/pastoraljuvenilmarista_pmrs/docs/caderno_-_em_alta_resolucao. Acesso em: 13 set. 2018.

_____. **Programa voluntariado**. 2. ed. Porto Alegre: Rede Marista, 2016.

_____. **Serviço de Pastoral**: identidade, metodologia e compromissos. 1. ed. Porto Alegre: Rede Marista, 2018.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris, 1948.

SCHIBELBEIN, Ralph. Seja um voluntário. **Zero Hora**, Porto Alegre, 2018.